

O diálogo entre literatura e educação ambiental

El diálogo entre literatura y educación ambiental

The dialogue between literature and environmental education

Esp. Vera Maria Hoffmann¹

Resumo

Este artigo originou-se a partir de minha práxis enquanto educadora ambiental, mediadora de leitura e contadora de histórias. O relato aqui feito é uma síntese de dez anos, desenvolvendo projetos de incentivo a leitura literária e promovendo o diálogo amoroso entre, Literatura e Educação Ambiental. As práticas referidas aconteceram em diferentes espaços, na educação formal e não formal. Buscarei reconhecer alguns pontos de tangência entre as obras analisadas. Da educação formal, trarei uma síntese da trajetória percorrida no município de São Leopoldo – RS, e descreverei o projeto em desenvolvimento na E.M.E.F. Paul Harris. As ideias de Paulo Freire; Carlos Rodrigues Brandão; Frederico B. Loureiro; Philippe P. Layrargues; Rachel Trajber; Luiz Antônio Ferraro e Manoel de Barros tecerão a rede teórica que sustentará a prática aqui apresentada.

Palavras-Chave: Educação ambiental; Literatura; Sensibilização.

Resumen

Este artículo se originó a partir de mi praxis como educadora ambiental, mediadora de lectura y contadora de historias. El relato aquí hecho es una síntesis de diez años, desarrollando proyectos de incentivo a la lectura literaria y promovendo el diálogo amoroso entre Literatura y Educación Ambiental. Las prácticas referidas ocurrieron en diferentes espacios, en la educación formal y no formal. Busqué reconocer algunos puntos de tangencia entre las obras analizadas. De la educación formal, traer una síntesis de la trayectoria recorrida em el municipio de São Leopoldo - RS, y describir el proyecto em desarrollo em la E.M.E.F. Paul Harris. Las ideas de Paulo Freire; Carlos Rodrigues Brandão; Federico B. Loureiro; Philippe P. Layrargues; Rachel Trajber; Luiz Antonio Ferraro y Manoel de Barros tejerán la red teórica que sustentará la práctica aquí presentada.

Palabras claves: Educación ambiental; La literatura; Conciencia.

Abstract

This article originated from my praxis as an environmental educator, reading mediator and storyteller. The report here is a synthesis of ten years, developing projects to encourage literary reading and promoting the love dialogue between Literature and Environmental Education. The practices referred to happened in different spaces, in formal and non-formal education. I will try to recognize some points of tangency between the works analyzed. From formal education, I will present a summary of the trajectory covered in the municipality of São Leopoldo - RS, and describe the project under development in E.M.E.F. Paul Harris. The ideas of Paulo Freire; Carlos Rodrigues Brandão; Frederico B. Loureiro; Philippe P. Layrargues; Rachel Trajber; Luiz Antônio Ferraro and Manoel de Barros will create the theoretical network that will support the practice presented here.

Keywords: Environmental Education; Literature; Awareness.

1. Introdução

¹ Pós-graduada em Educação Ambiental – Universidade Federal do Rio Grande – FURG – RS/Brasil. E-mail: vera_mh@yahoo.com.br.

Este artigo objetiva trazer a relação dialógica entre a literatura, enquanto arte, e a educação ambiental. Durante minha caminhada como educadora, através de minhas reflexões sobre as práticas desenvolvidas, sempre acompanhadas por muitas leituras e sustentadas por uma boa rede teórica, percebo que a literatura, muitas vezes tem se mostrado, mais do que outras formas de conhecimento, capaz de representar o irrepresentável ou o indizível. Trata-se da sensibilização que somente a Arte é capaz de provocar, através de uma linguagem que somente ela é capaz de traduzir. Assim sendo, graças às potencialidades imagéticas da criação literária, faz-se possível dar concretude e evidência a elementos que, de contrário, seriam imperceptíveis a “olhos distraídos”. Conforme a tessitura de André Neves (2007): “Quem tem olhos distraídos, nem imagina que as árvores possuem grande sabedoria, conhecem segredos e mistérios enraizados profundamente, histórias que enchem aos poucos o coração e deixam os olhos com uma luz especial”.

A Educação Ambiental na escola é de fundamental importância para a transformação da comunidade na qual está inserida. Cumpre assinalar que, de acordo com Loureiro: “O fato de sermos uma espécie biológica não esgota o ser humano enquanto ser social. Ou seja, um ser complexo construído pelas relações entre o biológico, o cultural, o econômico, o político e o histórico.” (2006p. 37).

Partindo do trabalho com a comunidade escolar, através de projetos de Educação Ambiental, crítica e solidária podemos disseminar essa prática de maneira significativa, criando redes que se multipliquem para transformar a relação cultura-natureza. Como observa Loureiro:

A Educação Ambiental promove a conscientização e esta se dá na relação entre o “eu” e o “outro”, pela prática social reflexiva e fundamentada teoricamente. A ação conscientizadora é mútua, envolve capacidade crítica, diálogo, a assimilação de diferentes saberes, e a transformação ativa da realidade e das condições de vida (2004, p. 29).

Nesse sentido, devemos assumir o dever de contribuir para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres em relação ao outro e ao planeta como um todo; cidadãos com uma consciência planetária, respeitadora da diversidade social e da biodiversidade que compõe o planeta. O Projeto SEMEANDO HISTÓRIAS, CUIDANDO DE GAIA, desenvolvido com um grupo de alunos dos anos finais, busca estender as ações desenvolvidas às demais turmas da escola, bem como às comunidades próximas.

A construção de uma nova mentalidade social e cultural deve ser estimulada na escola. Trajber (2005, p. 151) nos traz a importância do legado de Celestin Freinet para a Educação quando propõe a participação e integração família/comunidade/escola valorizando o ponto de

vista e a palavra da criança (leia-se aqui, sujeito) na produção do conhecimento. Da mesma forma, a autora faz referência a Monteiro Lobato, no Brasil, década de 40, quando cria *O Sítio do Pica-pau Amarelo* e *A Matemática e Gramática de Emília* para educar de forma divertida e mobilizar os jovens para os temas nacionais a partir da literatura. Assim, pode-se perceber o valor da mesma para todas as áreas do conhecimento e, em especial, como agente de transformação do meio ambiente, levando-se em conta a riqueza que existe nos contos, fábulas, mitos e poesias voltadas para as questões ambientais.

No transcorrer dessa educação integral, igualitária, humanitária e ecológica, precisamos superar os falsos valores que estão na gênese e no crescimento da sociedade ocidental e na sua cultura para criar novas formas de ser e estar no mundo, promovendo indivíduos críticos, éticos e conscientes de seu papel na sociedade e no planeta. Conforme assinala Loureiro:

A Educação Ambiental Transformadora enfatiza a educação enquanto processo permanente, cotidiano e coletivo pelo qual agimos e refletimos, transformando a realidade de vida (2004, p. 65).

[...] Baseia-se no princípio de que as certezas são relativas; na crítica e autocrítica constante e na ação política como forma de se estabelecer movimentos emancipatórios e de transformação social que possibilitem o estabelecimento de novos patamares de relações na natureza (2004, p. 84).

O ser humano tem por hábito cuidar do “que é seu”, por isso, é necessário que cada um desenvolva o sentimento de pertença e, ao mesmo tempo, participe ativamente para garantir as mudanças necessárias a fim de tornar o lugar onde vive cada vez melhor, nessa linha Brandão nos traz:

Qualquer que seja o contexto em que se esteja vivendo uma experiência de educação ambiental, as pessoas que se reúnem em *círculos de experiências e de saberes*, possuem de qualquer maneira algo de seu, de próprio e de originalmente importante. E o trabalho é mais fecundo quando em uma comunidade aprendem-te, todos têm algo a ouvir e algo a dizer. Algo a aprender e algo a ensinar. Lugares de trocas e de reciprocidades de saberes, mas também de vidas e de afetos, onde a *aula expositiva* pode ser cada vez mais convertida no *círculo de diálogos* (2005, p. 90).

A responsabilidade de construção de uma nova mentalidade social e cultural começa na família e é estimulada na escola. Portanto, convidar alunos a participarem de círculos de diálogos e, serem interlocutores junto à comunidade escolar, junto as suas comunidades, tecendo redes de saberes e, de afetos, é imprescindível. Destaco também, a relevância de estarmos envolvidos com a EA de tal forma, a sermos mote para que nosso aluno, também a pratique além dos muros da escola. Com foco, determinação e como espaço de resistência, o que ilustro a seguir com o poema de João Cabral de Melo Neto.

Tecendo a Manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito de um galo antes ne o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos. E se encorpando em tela, entre todos, se erguendo tenda, onde entrem todos, se entretendendo para todos, no toldo (a manhã) que plana livre de armação. A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por si: luz balão.

Por conseguinte, a Literatura através da sensibilidade, da paixão e do sonho contido na sua produção poderá possibilitar um (re) encontro entre o eu, o outro e a natureza que nos completa e irmana. Através da Literatura pode-se percorrer e fertilizar este campo de tensão no qual estamos inseridos, criando e recriando teses e antíteses e, assim, instigando outras possibilidades de diálogo para com o outro a Educação Ambiental, onde o cantar de cada um seja ouvido e respeitado.

2. Metodologia

O mote de todas as ações aqui apresentadas, tanto na educação formal, como na educação não formal, baseia-se no estudo da literatura, na contação de histórias e na mediação de leitura, objetos de estudo e sensibilização. O projeto, na escola, desenvolve-se a partir de contações de histórias, mediação de leitura e oficinas. Às quintas-feiras ocorrem reuniões, círculos de diálogos, com os alunos do grupo de leitura (anos finais) que foi formado por adesão e, é composto por cinco alunos, sendo um menino e quatro meninas. Nesses encontros discutimos literatura de vários gêneros, partindo geralmente das histórias da tradição oral, fonte onde bebem a maioria dos grandes escritores. Também são realizadas oficinas, onde estes alunos desenvolvem a arte da contação de histórias e a mediação de leitura, já com o olhar sensível às questões ambientais contidas nas entrelinhas. Capacitando-os assim, para levarem às demais turmas, especialmente aos anos iniciais, o diálogo amoroso que acontece entre literatura e educação ambiental. Nesse sentido Brandão nos diz:

[...] sabemos hoje que quando temos pela frente o desafio de nos unirmos para pensar e praticar alguma ação social em favor dos direitos humanos, da qualidade de vida e da integridade do Meio Ambiente, o que cada pessoa e cada grupo de pessoas aporta tem o seu valor. (2005, p.89.).

3. Literatura e a tragédia de Mariana: Um grito tardio, através de, Um Dia, Um Rio.

Arrastados pelo rio de imagens, roçamos as margens do puro existir e adivinhamos um estado de unidade, de união final do nosso ser e com o ser no mundo. (...) o diálogo é mais que um acordo – é um acorde. Octavio Paz.

O livro “Um dia, um rio”, de Leo Cunha, com ilustrações de André Neves, Ed. Pulo do Gato, é um lamento, um grito de socorro tardio de um rio indefeso que não tem como reagir ao ser invadido pela lama da mineração que destrói suas águas e as vidas que abriga. O livro traz a fala doce e amargurada de um rio que perdeu sua vocação e sua voz e que por isso lamenta sua sina como se cantasse uma triste modinha de viola, recordando o tempo em que alimentava de vida seu leito, suas margens e as regiões por onde passava. A obra, com lirismo e contundência, dialoga sobre o desastre ambiental que abalou a Bacia do Rio Doce, em 2015. O mesmo trágico destino que segue destruindo a vida de muitos rios brasileiros. Não há alguém, que não seja tocado pela emoção, ao ler ou ouvir a história. Uma linda, mas muito triste história, como tantas outras que conhecemos. E não resta dúvida, estamos aqui, testemunhando um diálogo entre a arte e a educação. A arte literária e a educação ambiental! “Quando as aves falam com as pedras e as rãs com as águas – é de poesia que estamos falando”. (BARROS, 2005, p. 58).

4. Literatura e Sustentabilidade: A Casa da Flor através da obra, Instruções para Construir Uma Flor, de Christina Dias.

Ao indicar os passos para construir uma flor, a autora Christina Dias, nos apresenta a linda história de Gabriel Joaquim dos Santos. Um gênio reconhecido apenas depois de sua morte e que mesmo sua obra sendo Patrimônio Cultural, ainda é um mero desconhecido para grande parte dos brasileiros. Nascido em 1892, em São Pedro da Aldeia (RJ) Filho de uma índia e um escravo recém alforriado. Seus pais receberam um terreno para começar uma nova vida. Foi nesse local que Gabriel começou sua construção, no ano de 1912, recolhendo dos lixos domésticos e refugos de obras, cacos de cerâmica, louça, vidro, ladrilhos, velhos bibelôs, lâmpadas queimadas, conchas, pedrinhas, correntes, tampas de metal, enfim, tudo que pudesse aproveitar para construir sua casa e torná-la mais bonita, tudo que pudesse transformar em flor. Trabalhava numa salina e só aprendeu a ler aos 36 anos. Mas, sabia exatamente como posicionar as pedras para que o vento passasse e refrescasse a Casa inteira como se tivesse ar-condicionado. A geladeira, única que ele teve, era uma caixa de pedra com um vaso de barro dentro. Nas laterais dessa caixa, aberturas para o vento frio entrar e manter a água do vaso sempre gelada. Nenhum material nobre foi utilizado na construção da casa de Gabriel, que levou décadas. Era feita de pau-a-pique, pedras, telhas, cal e barro; apenas

“caquinhos transformados em beleza”, como ele mesmo dizia: a Casa da Flor. Todos achavam que Gabriel era louco, porque, se sonhasse com algo, já no dia seguinte começava a materializar seu sonho. Muitos o chamavam de maluco, ao que ele respondia: “Quando eu morrer, minha casa vai entrar para história”. Estava certo! Não conhecia a palavra sustentabilidade, mas foi mestre em construções sustentáveis. “Esta casa não é uma casa... isto é uma história. É uma história porque foi feita de pensamento e sonho. Uma casa feita de caco, transformada em flor.” Gabriel Joaquim dos Santos” (1892 – 1985).

Ao conhecer a história de vida e a trajetória de Gabriel Joaquim dos Santos, esta me remeteu as palavras de Freire quando nos diz:

Meu primeiro mundo foi o quintal de casa, com suas mangueiras, cajueiros de fronde quase ajoelhando-se no chão sombreado, jaqueiras e barrigudeiras. Árvores cheiros, frutas, que, atraindo passarinhos vários, a eles se davam como espaço para seus cantares. (1995, p. 24).

Gabriel sabia ler o mundo e interpretá-lo. Tinha consciência do papel de cada um em relação ao planeta. Foi assim que construí sua casa, A Casa da Flor, aproveitando tudo que encontrava jogado ao lixo ou poluindo as ruas por onde passava, com cuidado, amor e criatividade, transformava cada caco em beleza. “Esta não é uma casa... isto é uma história. É uma história porque foi feita de pensamento e sonho. (...) uma casa feita de caco transformada em flor” (Gabriel Joaquim dos Santos - 1892 – 1985)

5. A aridez do Sertão: O Sertão de Fábio Monteiro em prosa poética

Em “Sertão”, Fábio Monteiro e Maurício Negro tocam os leitores pela singeleza da narrativa, pela árida paisagem sertaneja e pelos encantos de um menino que relata a sua amizade com um pássaro. Tonho vive no sertão e conhece um pássaro azul que voa por vários lugares, trazendo a ele realidades diferentes (a chuva, a guerra, a dor) e novas descobertas. O autoconhecimento e as novas descobertas são trazidos pela natureza, assim como a passagem de um mundo estéril a um abundante. Sertão reporta-nos aos laços de amizade e ligação sentimental que vão se construindo no contato. Se a obra nos remete ao sertão nordestino, bem sabemos que a aridez da terra já se estende por muitas regiões do nosso imenso Brasil, como acontece no Rio Grande do Sul, com o já conhecido, deserto do Alegrete. O texto propõe, também, um modo muito lírico na descoberta de diferentes realidades. Texto e imagens dialogam entre si e, especialmente, com as questões ambientais. Poderia ser uma história triste, mas um pássaro a transforma em esperança. Esperança cada vez mais

necessária para enfrentarmos as agruras da vida. Conforme Paulo Freire: “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. (...) É preciso que a leitura seja um ato de amor!”. Ao adentrar em “Sertão” fica clara a leitura de mundo feita por Tonho e o amor do menino pelo pássaro amigo e por seu pequeno e desprovido mundo, tão castigado pela seca.

É por demais de grande a natureza de Deus. Eu queria fazer para mim uma naturezinha particular. [...] Fosse ela, quem me dera só do tamanho do meu quintal. No quintal ia nascer um pé de tamarinho. Apenas para uso dos passarinhos. E que as manhãs elaborassem outras aves para compor o azul do céu. E se não for pedir demais eu queria que no fundo corresse um rio. Na verdade, na verdade a coisa mais importante que eu desejava era o rio. (BARROS, 2004).

6. Educação não formal: Histórias de Germinar na Virada Sustentável de Porto Alegre

Na oficina Histórias de Germinar, é feita a contação da história “A Caligrafia de Dona Sofia”, obra de André Neves. A protagonista da história é uma professora aposentada que mora no alto de uma colina. Ela cultivava flores, que vende na cidade, e gosta muito de lidar com as plantas. Mas, ela é mesmo, apaixonada por poesia. É um amor tão grande que transborda e leva Dona Sofia a escrever poemas pelas paredes, cortinas, portas, desde o teto até o chão; também seus móveis trazem poemas selecionados e registrados por ela, com sua bela caligrafia. Porém, de tanto escrever, certo dia não encontra mais espaço, nas paredes, nem nos móveis. Diante dessa situação, surge a ideia de confeccionar cartões para oferecer às pessoas, como quem oferece um ramalhete de flores. Então, ela começou a confeccionar cartões em papéis coloridos de diferentes texturas e decorados com flores prensadas, onde escrevia versos de seus poetas preferidos, para ofertar aos moradores da cidade. Dona Sofia resgatava dos livros ou da memória os versos que tanto lhe diziam e que iriam, como sementes ao vento, desabrochar em outros corações. Nessa tarefa Dona Sofia contava com a ajuda de um amigo, Seu Ananias, o único carteiro existente por ali, que conhecia todos os moradores e cuidava da correspondência local. Um dia até o seu Ananias, que entrega cartas há tantos anos e nunca recebera uma, recebe um lindo cartão e isso muda sua vida, ou melhor, a visão que ele tem da vida, de forma linda e lírica. E os dois se tornam ainda mais companheiros na tarefa de espalhar poesia por todos os cantos da cidade. O bom carteiro percebe, que um poema partilhado provoca mais amor, mais amizade e que existem muitas razões para também copiar e espalhar poemas. Dona Sofia prova que isso pode transformar uma comunidade.



Figura 1: Contação de história – Virada Sustentável
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 2: Contação de história
Fonte: Arquivo pessoal

Após a história, os ouvintes participam da oficina de “germinobolas”, que são bolas de húmus e argila, em cujo miolo são colocadas sementes. A estrutura protege as sementes e permite que elas germinem. As “germinobolas” são uma alternativa para recuperar solos degradados e matas ciliares, à beira de nascentes, córregos e rios. Nas oficinas realizadas, são colocadas sementes de flores. Os participantes são convidados a cultivar as flores, e espalhar poesias em suas comunidades. Nesse sentido, Cornell nos traz: “As experiências diretas com a natureza são necessárias para desenvolver sentimento de amor e preocupação pela terra,

caso contrário, as pessoas passarão a conhecê-la de modo superficial e teórico, sem nunca serem tocadas profundamente.” (1997, p.135).



Figura 3: Oficina de germinobolas
Fonte: Arquivo pessoal

7. Considerações Finais

“Quando as aves falam com as pedras e as rãs com as águas – É de poesia que estamos falando”
(Manoel de Barros)

A partir das leituras e das práticas aqui relatadas, compreendo que Educação Ambiental caracteriza-se por uma necessidade inerente ao processo de formação do indivíduo enquanto ser crítico, social, político e transformador do sistema. Todavia, a Literatura, através da sensibilidade, da paixão e do sonho contido na sua produção poderá possibilitar um (re) encontro entre o eu, o outro e a natureza que nos completa e irmana. Através da Literatura pode-se percorrer e fertilizar este campo de tensão no qual estamos inseridos, criando e recriando teses e antíteses e, assim, instigando outras possibilidades de diálogo para com a Educação Ambiental. “Para entender, nós temos dois caminhos: o da sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da inteligência que é o entendimento do espírito. Eu escrevo com o corpo. Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede; procure ser árvore.” (BARROS, 200, p.37).

Referências

BARROS, M de. *Arranjos para assobio*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BARROS, M de. *Poemas rupestres*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BARROS, M de. *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CORNELL, J. *A alegria de aprender com a natureza: atividades na natureza para todas as idades*. São Paulo: Melhoramentos/SENAC, 1997. 186p.

CUNHA, Leo; NEVES, André. *Um dia, um rio*. São Paulo: Ed. Pulo do Gato, 2016.

DIAS, Christina. PATERNO, Semíramis. *Instruções para construir uma flor*. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 1988. 80p.

FREIRE, Paulo. *À Sombra desta Mangueira*. São Paulo. Olho d'água, 1995.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação Ambiental Transformadora. In: LAYRARGUES, Philippe Pomier (org.). *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: MMA, 2004.

MELO NETO, J. C. de - A educação pela pedra. In: *Poesias Completas*. Rio de Janeiro, Ed. Sabiá, 1968.

MONTEIRO, Fábio; NEGRO, Maurício. *Sertão*. São Paulo: Paulinas, 2016.

NEVES, André. *A Caligrafia de Dona Sofia*. São Paulo: Paulinas, 2007.

NEVES, André. *Um pé de vento*. Porto Alegre: Ed. Projeto, 2007.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

TRAJBER, Rachel. Educomunicação para coletivos educadores. In: FERRARO, Luiz Antônio (org.) *Encontros e Caminhos: formação de educadores (as) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidades Aprendentes. In: JR, Luiz Antônio (org.). *Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores*. 2005.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Teoria Crítica. In: JR, Luiz Antônio (org.). *Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, 2005.